

Gustavo Beyer. : Notas biobibliographicas.

Fazenda, Vieira

8 B Br. Beyer



National Library
of Sweden

BEYER G.

S. Paulo
Bibliogr.
L. 1.
(P. 1)

Gustavo Beyer

NOTAS BIOBIBLIOGRAPHICAS

POR

Vieira Fazenda

E

M. DE OLIVEIRA LIMA

Separado da Revista do
Instituto Historico de S. Paulo,
vol. XII, de 1907.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

1908



L. 1.
1908



Alfredo de Toledo

Rua Jaguaribe, 58,

S. Paulo

Brasil

Gustavo Meyer

NOTAS BIOBIBLIOGRAPHICAS

POR

Vieira Fazenda

E

M. DE OLIVEIRA LIMA

Separado da Revista do
Instituto Historico de S. Paulo,
vol. XII, de 1907.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

1908





Gustavo Beyer

NOTAS BIOBIBLIOGRAPHICAS

POR

Vieira Fazenda

E

M. DE OLIVEIRA LIMA

Separado da Revista do
Instituto Historico de S. Paulo,
vol. XII, de 1907.



S. PAULO
TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL
1908



Gustavo Beyer

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

por

Vieira Fazenda

M. DE OLIVEIRA LIMA

Deposito de Direito de
Autoria Literaria, No. 1234
em 27 de Maio de 1903



REPUBLICA DE PORTUGAL
1903



GUSTAVO BEYER (*)

1)

Viajante sueco

(1813)

Por ocasião de sua curta estadia nesta capital, em agosto ultimo, travei relações com o sr. dr Alfredo de Toledo. Conhecia o antes pelos seus importantes trabalhos impressos na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*.

Em nossas palestras, me referiu o eminente homem de letras que a *Revista* ia imprimir no volume XII umas curiosas notas de viagem escriptas por Gustavo Beyer, de nação sueca e inteiramente desconhecidas. Accrescentou que antes de visitar S. Paulo, Beyer estivera no Rio de Janeiro, do qual dava succinta descripção.

Foi o bastante para aguçar a minha curiosidade.

Pedi ao dr. Toledo me enviasse, quando de regresso a S. Paulo, a parte relativa ao Rio. Com a gentileza que lhe é propria, o autor da *Reivindicação Improcedente* prometteu fazel-o. Passara n-se mezes e o nome de Beyer não se me apagou da memoria. Recorri aos dictionarios de Historia e aos sabedores desta materia. Nada obtive. Consultei a lista de estrangeiros illustres (organizada por Taunay), os quaes vieram ao Brasil (Tomo 58 da Rev. do Instituto Historico Brasileiro). Della não constava o nome desse viajante.

Ante-hontem, porém, fui agradavelmente surprehendido com algumas folhas impressas (provas naturalmente da revista) nas quaes vi o que tanto almejava.

(*) Em relação a este viajante, cujas *Ligeiras Notas de Viagem* se acham publicadas neste volume, traduzidas para o vernaculo pelo dr. A. Löfgren, escreveram os nossos illustres consocios drs. Vieira Fazenda e Oliveira Lima os artigos, que ora, com a devida vênia, transcrevemos como um erudito e elucidativo complemento ás breves e rapidas annotações feitas á referida narração de viagem.

«Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro á capitania de S. Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas noticias sobre a cidade da Bahia e a ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que ha pouco foi occupada—tal é o titulo do trabalho de Gustavo Beyer—Foi traduzido do sueco pelo dr. Alberto Löfgren, um dos bell's ornamentos do Instituto de S. Paulo.

«O original do presente e interessante trabalho, (diz a nota da Commissão de Redacção), foi publicado em Stockolmo, na typographia de Elmen e Granberg, no anno de 1814, e, sendo encontrados pelo bibliothecario de S. M. Oscar II, da Suecia, na bibliotheca particular deste soberano dois exemplares do folheto em que o dito original foi dado á estampa, o referido monarcha, por intermedio do mesmo seu bibliothecario, cedeu um dos exemplares ao nosso distincto consocio dr. A. Löfgren e este tratou logo de fazer a versão do sueco para o vernaculo, á qual ora damos publicidade.»

Apesar de diversos enganos commettidos por Gustavo, são com prazer lidas as precitadas notas de viagem. O autor, longe de ridicularizar os nossos habitos e costumes coloniaes, os aceita como fructos da nossa situação sempre dependente da metropole.

Que o progresso do Brasil já era manifesto em 1813, elle Beyer o accentúa. Graças á influencia do Principe Regente tudo se modificava para melhor. Referindo-se á Bahia, escreve que muito «erraram os escriptores de viagens que, apenas visitando o Rio de Janeiro, tomaram esta cidade por padrão para julgar todo um territorio de 60.000 milhas geographicas quadradadas, quando ellas, si quizessem ter-se informado, poderiam ter conhecido o plano para a grande obra de civilização e povoamento do paiz».

Seu enthusiasmo sóbe de ponto quando fala dos Paulistas, em cujo seio encontrou hospedagem principesca e cavalheirosa acolhida. Verdade é que elle e seu companheiro o Conde von Pahlen, de São Petersburgo, viajavam com cartas de recommendação firmadas pelos ministros do Principe Regente.

Eis ahi um progresso digno de nota. Iam longe os tempos em que o governo via em qualquer viajante estrangeiro, por mais illustre, um simples espião. Vem-me agora á lembrança o occorrido com o sabio Humboldt.

Antes de proseguir, salvo erro, creio que esse conde Pahlen é o ministro e enviado extraordinario do Imperador da Russia, chegado ao Rio de Janeiro em 24 de julho de 1812, como refere o padre Luiz Gonçalves dos Santos.

Teria Beyer conhecido na Suecia os nossos illustres patrios José Bonifacio e Bittenacourt e Sá, quando estes por lá andaram em missão scientifica? E' de crer. Teria sido por estes apresentado ao tenente-general Napion?

Qual o resultado obtido para a sciencia da viagem de Beyer? Não me compete dizel-o, por manifesta carencia de bases. Aguardemos a opinião de Branner, de Orville Derby, de Alfredo de Carvalho e de Oliveira Lima, que a fundo tem estudado o periodo que vae de 1808 a 1821.

Viajaria Beyer por propria conta ou fôra commissionedo pelo seu governo? Nada pôso avançar, sem conhecer o resto das *Notas*, prestes a vir á imprensa.

Terá esse sympathico sueco alguma relação com a fabrica de ferro de Ipanema, da qual se occupou Varnhagen?

Deixando esses pontos para serem elucidados por quem de direito, vejamos succintamente só o que se refere á Bahia e Rio de Janeiro. Quanto á primeira, o autor diz ser o commercio vasto e o porto excellente e bem defendido. Faz justiça á administração do Conde dos Arcos, «moço de qualidades superiores, de *genio creador* que muito *tem* contribuido para o aformoseamento deste grande emporio». Descreve a traços largos a cidade e fala de uma estatua do Principe Regente (*sic*) sobre um pedestal de marmore branco, encarando o mar.

Um tanto exaggerado quanto aos recursos de que dispunha a antiga capital do Brasil, allude ao facto historico de quere-rem os habitantes —dêsse o principe d. João preferencia á cidade fundada por Thomé de Sousa para nova séde da monarchia.

Trata das chuvas e desmonoramentos occorridos em junho e julho de 1813 fact.s comprovados pelas correspondencias existentes no Archivo Publico.

Penetrando no *grandioso* porto de S. Sebastião (Rio de Janeiro), escreveu o seguinte: «a entrada passa em grandeza a das columnas de Hercules e pôde ser comparada a uma porta cujos dois batentes são duas e núas rochas de granito das quaes a da esquerda é denominada Pão de Assucar e que, segundo a ultima medição, tem 800 pés de altura. Os navios passam tão perto da fortaleza de Santa Cruz collocada no centro (*sic*) da entrada que com um porta-voz pôde-se responder ás perguntas que d'alli vêm, o que é obrigatorio para os que intentam passar em silencio. Santa Cruz é uma ilha perfeita (*sic*) que cruza o seu fogo com o de todas as fortalezas do porto e dos morros ao redor da cidade. Desses morros o da Ilha das Cobras é curioso, porque ao pé delle os maiores navios podem ancorar. Na entrada do porto que tem o comprimento de algumas leguas suecas, a vista se deleita com uma porção de ilhotas encantadoras que gosam de uma primavera eterna e das quaes emanam os mais agradaveis aromas. Entre ellas (*sic*) a *Ponta de Acajou*, onde reside o almirante sr. Dixon, é a mais aprasivel pela situação. Os paquetes ancoram de preferencia deante do palacio, etc.».

E, coisa curiosa, todos os viajantes que franquearam o nosso porto falam das exigencias da fortaleza de Santa Cruz e de seu

porta-voz. São elles fructo do Regimento dado ao capitão Manoel da Costa Cabral pelo governador d. Alvaro da Silveira e Albuquerque, em 24 de janeiro de 1703.

Descrevendo o antigo largo do *Paço* e os edificios em torno fala do chafariz em *fôrma de obelisco* com inscripções (felizmente ainda lá existem) e *uma agua fresca e crystallina* que jorra de cabeças de *cobras e de dragões*. (Isto agora é pura fantasia).

Alli attrahiu-lhe a attenção o barulho dos negros e a permanencia de sentinellas junto da fonte publica. Acontecia isto quando, por occasião de sêccas, faltava agua. Davam-se brigas entre os conductores do precioso liquido, os quaes que iam ter preferencia por morarem longe. Era a chamada *tamina*. Em caso de conflicto intervinham os guardas, que restabeleciam a ordem com algumas pauladas, ou vergastadas com os conhecidos *camarões*.

(Os edificios todos têm saccadas, onde damas, cavalheiros e pagens se divertem durante as horas frescas do dia, respirando os aromas que se desprendem das numerosas flores alli collocadas). Esse habito ainda hoje infelizmente se conserva, apesar das avenidas, passeios e divertimentos. Conheço algumas donas de casa que só saem á rua tres vezes por anno: no Carnaval, na quinta-feira santa e no dia da Gloria!

Dá para população do Rio 130.000 habitantes. A cidade (apesar de seu porto seguro, incomparavel e bem defendido, capaz de abrigar todas as armadas do mundo) não constitue um dos mais *saudaveis* logares do grande continente americano. Fala em seguida da situação do Rio cercado de montanhas, de 177 dias de chuva durante o anno, da estagnação das aguas a qual *origina* dentro do seu perimetro uma humidade nociva ao organismo e uma porção de insectos molestos dos quaes ha ahí maior abundancia do que em outro qualquer logar do Brasil.

Si lhe fosse dado ainda viver o autor das notas viria que para dar cabo dessa mosquitada existe aqui hoje verdadeiro batalhão.

Em boa hora reconhece Beyer que o governo começava a sanar os erros commettidos por occasião da primitiva constituição da cidade.

De facto, Paulo Fernandes tratava de executar melhoramentos materiaes segundo o exemplo do Marquez de Lavradio, de Luiz Vasconcellos e do Conde de Rezende.

Occupa-se, finalmente, muito por alto, com a bibliotheca regia, o theatro de S. João, havia pouco inaugurado, com os alicerces da nova casa da moeda (no Campo da Polé, hoje rua do Sacramento) e com o Jardim Botânico, na praia do Freitas (*sic*).

Do exposto ás pressas, resulta que o viajante sueco não foi muito exacto com relação ao nosso Rio de Janeiro. Basta dizer que collocou a antiga fazenda dos jesuitas (Santa Cruz) no meio da Ilha Grande!

Parece que guardou elle toda a sua attenção para a antiga capitania de S. Vicente. Ainda assim, a parte que me foi dado lér constitue precioso documento bibliographico até ha pouco desconhecido.

Quando o restante fôr publicado na *Revista*, acompanhado de eruditos commentarios, se poderá avaliar *in totum* do merecimento das referidas notas.

Dando parabens aos illustrados drs. Alfredo de Toledo e Alberto Löfgren pela novidade que nos vão offercer, aguardo o volume XII da «*Revista do Instituto Historico*» de S. Paulo.

Peço-lhes desculpa por metter-me em *frota sem bandeira*. Ninguem melhor do que elles sabe:—não se póde exigir muito de quem não é artista e canta por *devoção*.

VIEIRA FAZENDA.

Rio, 10 de novembro de 1907.

* * *

2)

As notas de viagem no Brasil, em 1813, de Gustavo
Beyer

O erudito bibliothecario do Instituto Historico do Rio de Janeiro, sr. dr. Vieira Fazenda, cuja personalidade é familiar a quantos servem o culto do nosso passado, do qual é um estudioso apaixonado e original, appellou, entre outras, para minha opinião quanto ao objecto e causa da viagem ao Brasil de Gustavo Beyer, sueco que esteve na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo no decorrer de 1813 e cujas impressões, de todos nós desconhecidas, se achavam consignadas desde 1814 num pequeno volume impresso em Stockolmo.

Deste volume, existente em duplicata na bibliotheca particular do rei Oscar da Suecia, teve o Instituto Historico de São Paulo conhecimento e pôde obter o gracioso offerecimento de um dos exemplares, encarregando-se o sr. Alberto Löfgren da sua traducção, que figurará no proximo tomo, o XII, da revista da mesma associação.

Não tem o publico outro criterio, nem poderia encontrar melhor, para aferir a operosidade e importancia de taes sociedades senão o que lhe offerece o apparecimento annual desses volumes, nos quaes se concentra o trabalho dos seus membros mais illustres ou mais prestimosos. A associação vale pelo que estes membros valem e pelas tradições que representa, isto é, pelo valor dos que se foram. Ora a Revista do Instituto Historico de S. Paulo é deveras interessante em si, nenhuma outra se lhe avantajando presentemente, pouquissimas mesmo a egualando.

A variedade nas suas contribuições, a frequencia dos seus ensaios originaes e a abundancia da sua documentação, cujo campo abrange mais que o Estado sobre que se diz exercer a actividade da associação, tornam-na attrahente para o entendido como para o leigo em assumptos historicos brasileiros, e abonam a orientação que desde o seu inicio recebeu aquella publicação, hoje principalmente affecta á direcção intelligente e cuidadosa do sr. dr. Alfredo de Toledo, versadissimo na materia e, como todo paulista, justamente cioso das glorias da grey a que pertence.

E' muito difficil, senão impossivel, á falta de informações alheias ao proprio livro, satisfazer a pergunta do sr. dr. Vieira Fazenda e dizer por que motivo veio Beyer ao Brasil. Os viajores dessa época obedeciam todos no geral a moveis commerciaes, como Mawe e Luccock, ou a moveis scientificos, como Spix e Martius. Seria facil num e noutro caso conhecê-los, quando mesmo nos fossem alheias suas biographias. Os primeiros abundam em dados economicos e financeiros, os segundos em dados botanicos, mineralogicos ou zoologicos. Nuns prevalece a terminologia bancaria, nos outros a technologia particular á historia natural.

O volume anterior da «Revista do Instituto Historico de S. Paulo», inseriu a traducção da viagem a Minas Geraes, nos annos de 1814 e 1815, do allemão G. W. Freyreiss, que em 1816 o principe Maximiliano de Wied-Neuwied encontrára explorando o Espirito Santo, e poucos annos depois morria no sul da Bahia. Quando fosse anonyma sua relação, appareceria sem contestação possivel como o trabalho de um naturalista. Entretanto, apontam na obra observações sociaes dignas de nota, e sobretudo, o tratamento dos indios e os horrores do trafico mereceram do autor descripções minuciosas e verdadeiras, em capitulos que se lêem com aproveitamento.

Com Gustavo Beyer a coisa é differente. O que se pôde deprehender, o que parece pelo menos deprehender-se, é que não era de profissão naturalista, e que tampouco era homem de negocio. Seus conhecimentos de historia natural serão taxados de vulgares; suas preoccupações mercantis apparecem nullas. Dicionario algum de biographia ou encyclopedia que consultei dá fé delle. E' literariamente um esquecido, scientificamente um desconhecido. Porque não fazel-o entrar noutra categoria, modernamente tão desenvolvida, dos viajantes por simples distração, dos «touristes» por defastio, dos «globe-trotters» por curiosidade?

O Brasil, recém-aberto aos estrangeiros, vagamente conhecido como a terra maravilhosa do ouro e dos diamantes, agora chamando fortemente a attenção pelo facto de para sua capital se haver transferido uma das velhas côrtes européas, desafiava uma visita que os paquetes inglezes de Falmouth tornavam possivel, regular e até commoda para o tempo, ainda que não de todo segura pela guerra que no mar fizeram justamente em 1812 e 1813 os americanos aos inglezes, e pelas depredações dos piraque dos portos dos Estados Unidos saiam com bandeira insurgente, sobretudo de Artigas. No tempo da navegação á vela e do curso as viagens maritimas eram pelo menos aleatorias.

O calor das recommendações que levou para São Paulo e que puzeram em movimento o proprio capitão general Marquez de Alegrete; a companhia em viagem, num pé de intimidade, do conde Nicoláu von Pahlen, que devia ser parente, talvez

filho ou irmão, do ministro russo que em 1812 chegou ao Rio, transferido de Washington; a atenção prestada nas suas observações á feição mundana da vida brasileira, são circumstancias todas que denunciam em Beyer um homem de bôa sociedade. Nem é de surprehender ou de natureza a contrariar essa impressão o facto de, segundo se deduz do livro, ser o autor dado, ou amador, mais pela certa, de pesquisas geologicas. A historia natural invadira no seculo XVIII com estrepito a educação cuidada, e entre a melhor classe tornára-se até mania absorvente. Buffon, o classico Buffon, era um gentilhomen, para só citar esse, e dos que nos visitaram e no nosso paiz viajaram extensa e proveitosamente, o príncipe Maximiliano, de Wied-Neuwied, dedicava-se com fervor á ethnographia, afóra a zoologia e a botanica.

Não penso, como aventa a hypothese o sr. dr. Vieira Fazenda, que tivesse Beyer talvez travado conhecimento na Suecia com José Bonifacio e Ferreira da Camara, ou que sua vinda ao Brasil se relacionasse com a fabrica de ferro de Ipanema. Nada consta do livro em abono de uma ou de outra supposição, que haveria sido confirmada ao falar-se no citado estabelecimento metallurgico ou ao referir o autor seu encontro com Martim Francisco em casa do conego Oliveira Bueno, que na Paulicéa o hospedára. Admittido que fosse Beyer um homem de alta roda, é mister ter presente que o meio social em que na Europa do norte se moveram o paulista e o mineiro foi o meio especial dos universitarios e dos sabios onde lucravam intellectualmente, não o que se chama por um gallicismo o mundo. Os scientistas recebiam a protecção dos principes, quando estes eram esclarecidos, mas não formavam propriamente a sua côrte. O caso de Weimar, do seu grão duque Mecenas e do olympico Goethe, não era a regra. De ordinario, o circulo intellectual e o corteção moviam-se em redor do throno sem se confundirem.

A sympathia de Beyer pela nossa terra e pela nossa gente, a benevolencia das suas observações, a ausencia de notas ridiculas ou malignas são de bom tom, tráem o cavalheiro. Também podiam traír o sabio, commummente optimista: nenhum viajante foi mais condescendente do que foram Spix e Martius. Vê-se, porém, que agradou a Beyer encontrar no Brasil um pouco de convivencia, aquillo a que andava habituado na Europa e que tanta falta aqui lhe teria feito.

A novidade de sua curta obra está unicamente, em minha opinião, em que descreve um aspecto paulista do tempo que escapou a outros viajantes coevos ou de que não fizeram sufficiente menção, e vem a ser a franqueza e largueza do seu intercurso social. Beyer e von Pahlen eram hospedes de distincção, e assim foram tratados com primorosas attentões, que não ultrapassaram comtudo os limites discretos da fina educação. Da sua estada em S. Paulo guardavam, pelo que se nota, uma lisonjeira e duradoura recordação.

Não tento para aqui transplantar resumidas e despidas do sainete original as observações e sensações paulistas do viajante sueco. Na traducção do sr. Löfgren, vão ellas ficar ao alcance de qualquer. O que sómente pretendi foi corresponder, embora negativamente, ao amavel appello do sr. dr. Vieira Fazenda, encarecer mais este serviço historico do Instituto Paulista e a bôa critica que se revela na composição da sua Revista, e mostrar ligeiramente o interesse da relação agora revelada aos que entre nós, e vão felizmente avultando em numero, estimam esse genero de leituras.

Rio, novembro de 1907.

M. DE OLIVEIRA LIMA.

* * *

Quem era Gustavo Beyer

O viajante sueco Gustavo Beyer está identificado, e é perfeitamente conhecido o motivo de sua viagem ao Brasil em 1813. Effectivamente, como me quiz parecer pela leitura de sua relação nas provas da Revista do Instituto Historico Paulista, que me foram amavelmente comunicadas pelo sr. dr. Alfredo de Toledo, não se trata nem de um homem de sciencia nem de um homem de commercio, sim de um homem de posição social. Apenas este homem tinha um negocio a tratar e sua viagem não foi rigorosamente de prazer, posto que deva encerrar incomparavel prazer a cobrança effectiva de uma divida.

Gustavo Beyer veiu da Suecia a S. Paulo expressamente para receber, ao que se diz, do director da fabrica de ferro de Ipanema dez mil cruzados que este seu compatriota lhe devia. Como a quantia não era tão avultada que por si valesse tão longinqua viagem, se fosse um sacrificio, não é fóra de proposito julgar que a curiosidade da terra entrava por alguma coisa na sua determinação.

Quando, pela Carta Regia de 4 de dezembro de 1810, se creou o «estabelecimento montanistico de extracção do ferro das minas de Sorocaba» por meio de uma companhia de que o governo tomava metade das acções, o ministro e o consul de Portugal na Suecia foram encarregados de contratar operarios competentes e um mestre de forjas experimentado. O ministro era Joaquim Lobo da Silveira, mais tarde plenipotenciario em Vienna e conde de Oriola; o consul, certamente honorario, Gustavo Beyer ou Bayer. E' bem provavel que este fosse o traductor da obra de Lobo da Silveira—«Skizze von Brasilien», publicada em Stockolmo em 1809, e naturalmente preparada no intuito de dar a conhecer o paiz para onde se mudára a côrte portugueza.

Aproveitou-se Beyer da occasião unica que se offerecia para collocar como director da fabrica brasileira um tal Hedberg, dono de forjas ou arrendatario de minas que fallira e de quem era credor. Fel-o na esperança, que o futuro não desmentiu, de que uma vez em posição vantajosa, viesse aquelle a pagar-lhe o debito. Isto foi o que, na expressão de Varnhagen, houve

de vergonhoso no contracto elaborado e firmado pela nossa autoridade consular. O ministro entrou ahí, como muitas vezes acontece em casos analogos, da mesma fórma que Pilatos no credo.

O nosso grande historiador nutria pela fabrica de Ipanema um interesse muito vivo e muito justificado pelo facto de ter seu pae vindo de Portugal, onde geria um estabelecimento da mesma indole, com o fim de examinar as condições das minas de Sorocaba e formular o plano da fundação que, logo depois de Hedberg, entrou a dirigir. Melhor se poderia dizer a corrigir, porquanto a primeira administração deixou muitissimo a desejar. Varnhagen accusa Hedberg de haver desde o principio abusado das optimas intenções do Conde de Linhares.

O senador Vergueiro conta as coisas com todas as minudencias desejaveis na sua memoria historica sobre a fundação da fabrica de São João de Ipanema, impressa em Lisboa em 1822 e reimpressa alli em 1858, juntamente com a correspondencia do tenente-coronel Varnhagen e outros documentos sobre o assumpto. Segundo o autor, Hedberg andava no Brasil fiscalizado de perto por dois estrangeiros de distincção, seus credores por sommas largas, que recebiam o que elle ia adquirindo com seu salario e suas espertezas. Beyer, que chegou bastante depois e não tomava parte naquella singular exploração, tão satisfeito ficou, porém, com o resultado pratico da sua viagem que, ao regressar para a Europa, publicou no «Investigador Portuguez» de Londres (n. 29) uma «pomposa e inexacta carta», affirmando com relação á fabrica coisas «fabulosas», entre outras que se estava trabalhando com toda a actividade no forno alto, quando tal não succedia absolutamente.

Nesta carta, firmada só com a inicial do seu appellido, declara Beyer corresponder com sua informação de testemunha ocular ao desejo manifestado pelo redactor do citado periodico, o qual era subvencionado pela legação portugueza em Londres na intenção de rebater os constantes ataques do «Correio Brasiliense» e depois do «Portuguez», em cujas paginas eram defendidas as doutrinas liberaes ou constitucionaes.

Receiava sómente o viajante sueco que o seu «limitado saber» de obras da natureza da fabrica por elle chamada, com um sabor de etymologia grega, de Hyppanema, em vez de seguir a pretensa graphia tupi de Ypanema, tornasse muito imperfeita aquella sua exposição. Via-se, por isso, obrigado a ser muito succinto para errar menos. E foi com effeito muito laconico, sem comtudo deixar de indicar os muitos trabalhos realizados nos tres annos decorridos de 1810 a 1813, accrescentando não existir estabelecimento igual no «inteiro, e infinito continente americano», e concluindo por proclamar que tal fundação provinha da sabia vontade do principe regente e era fructo do patriotismo e luzes de um grande ministro.

Foi em 1810 que, incumbido de tanto, apresentou Varnhagen seu plano de montagem da fabrica, cujos antecedentes já eram seculares. Achou-o estreito Linhares, sempre grandioso nos projectos, não lhe dando tambem andamento por estar para chegar a colonia profissional entrementes contractada na Suecia.

Com Hedberg, cujo vencimento estipulado era de um conto e seiscentos mil réis annuaes, vieram, além dos operarios, o capitão de marinha Danckvart, de quem fala Beyer mais de uma vez na sua relação de viagem, Printzenhold, filho de um dos credores do fallido, syndico de facto, no nome secretario, e o barão de Fleming, outro credor que, na phrase de Vergueiro, veio ver o Brasil. Não sei se seria este o mesmo Fleming que por occasião da aclamação de dom João VI exercia as funcções de ministro da Prussia no Rio de Janeiro. O velho Varnhagen tambem acompanhou para Ipanema a colonia escandinava na qualidade de procurador dos accionistas.

Apesar desta fiscalização, que a outra particular contrariava, a administração de Hedberg foi infeliz, assevera Vergueiro que dolosa. Quando o despediram, apresentou o director contas de grão capitão e, antes, pretendia invariavelmente lesar, urgido pelos credores, os interesses que em má hora lhe tinham sido confiados. No volume II do seu excellente trabalho—«As Minas do Brasil e sua Legislação—faz o sr. Pandiá Calogeras, segundo Vergueiro e tambem Eschwege, a triste e detalhada historia desse monumental conto do vigario.

A ser verdade quanto se conta, os operarios contractados por preços altos para o governo que es pagava pela mão de Hedberg, o qual enganava a uns e a outros, eram officiaes de outros misteres guindados á sua posição de mineiros, serradores e serralleiros, rótulos com que foram exportados. Haverá nisto quiçá exaggero, tanto de Varnhagen, que desejava encaminhar a fabrica a seu-modo, que foi de certo muito superior, como de Vergueiro, amigo do primeiro. Não teria sido difficil, nem mais dispendioso trazer da Suecia, operarios destros para o trabalho a que se destinavam. Com quaesquer era possível fazer trapaça nas contas.

Com relação especialmente a Beyer, sua viagem ao Brasil pareceu no momento tão estranha aos que desconheciam seu objectivo real e a não suppunham desinteressada, que Napion, encarregado em 1812 de inspeccionar as obras, manifestava que a vinda do sueco dava que pensar não sómente a elle como a muitas pessoas. Imaginava-se que, natural de um paiz fabricante e exportador de ferro em larga escala, posto que agente consular de Portugal, seu intuito secreto era fazer mal por qualquer modo á fabrica de Sorocaba.

Já vimos que o fito de Beyer era menos nacional e mais pessoal. Hedberg devia-lhe bem como a Fleming e ao pae Printzenhold, e os tres credores no seu interesse particular

pretenderam melhorar a sorte do devedor commum insolvente. Dois, mais suspicazes ou mais soffregos, acompanharam-no para maior segurança: o terceiro veio mais tarde, na bôa occasião, liquidar o debito que para com elle existia.

«Suum cuique...» E' mister ainda referir como se procedeu a esta identificação. Ao lêr o artigo do sr. dr. Vieira Fazenda, o illustrado sr. dr. Piza e Almeida, presidente do Supremo Tribunal Federal, escreveu-lhe lembrando que a «Historia Geral» menciona na primeira edição um sueco de nome «Bayer». Achando discordancia na orthographia do nome e já tendo feito appello a terceiros no seu folhetim, o dr. Fazenda não seguiu a pista em Vergueiro, aliás citado por Varnhagen. Fel-o com seu faro habitual e com o successo indicado o sr. dr. Alfredo de Carvalho, que me communicou o primeiro resultado da sua investigação. Ao mesmo tempo, o sr. Orville Derby procurava e encontrava no «Pluto Brasiliensis», de Eschwege, a confirmação do que escreveram Vergueiro e Varnhagen. Dahi era natural passar á obra do sr. Calogeras.

E' curioso que, na relação agóra traduzida, Beyer não faça á fabrica de ferro de Ipanema senão referencias ligeiras e impessoaes, não lhe concedendo mesmo extensão maior nas suas notas do que a outras cousas que descreve. O motivo da sua viagem ao Novo Mundo, é natural que elle o occultasse sob as observações de homem fino e culto interessado em quanto examina e em quanto admira. O optimismo caracteristico dessas observações fica agora plenamente explicado. Nada ha como uma divida cobrada para fazer vêr tudo côr de rosa.

Rio, dezembro de 1907.

M. DE OLIVEIRA LIMA.



